

## **A LINGUAGEM VIRTUAL INTERAGINDO COM A EDUCAÇÃO**

*Márcia Aparecida Barbosa Vianna<sup>1</sup>*

### **RESUMO**

Os desafios da comunicação chegam ao ambiente escolar e provocam discussões sobre a interatividade entre alunos e professores às novas tecnologias da informação. Esses meios virtuais trazem, atualmente, um novo formato para a mídia, que produz uma linguagem específica, visa um novo público-alvo e também cria elementos que facilitam a interação entre a sociedade, os educadores e os educandos. A produção de textos científicos infantis, o desenvolvimento de termos e linguagens específicas das redes virtuais altera o ambiente escolar e contextualiza um novo caminho para a educação.

**Palavras-chave:** Educação. Linguagem. Interatividade. Tecnologia. Mídia.

### **INTRODUÇÃO**

Torna-se notório, neste início de século, que os meios de comunicação, efetivamente, fazem parte de nossas vidas, principalmente com o desenvolvimento tecnológico que causou o barateamento e as possibilidades de aquisição de aparelhos que compartilham do nosso cotidiano. Não dá para evitá-los, esquecer-los ou ignorá-los, na verdade precisamos interagir com eles, pois nossos alunos já nasceram na era de CMC (comunicação mediada por computadores), e nossa adaptação resultará em experiências didáticas que podem auxiliar e fortalecer o ensino atual. Alguns teóricos consideram a adequação um dos principais desafios da comunicação

A comunicação não se resume mais no conjunto de instrumentos técnicos que ajudam na conectividade dos seres humanos, ou numa disciplina para especialistas da área. Tornou-se um gigantesco aglomerado onde telefonia (voz), televisão (imagem) e informática (informação) se articulam para formar o que Dênis de Moraes chama de infotelecomunicação, presente na lição de casa das nossas crianças, na

escolha dos produtos no supermercado, nas nossas horas de lazer, na forma de organizarmos nosso trabalho, no conhecimento que Estado e empresas têm de nossas atividades [...] agigantou-se de maneira fenomenal, adquirindo um papel absolutamente central nas atividades humanas em geral (DOWBOR, 2001, p.7).

Houve um aprofundamento no conhecimento em áreas tão distintas, mas que se imbricam quando pensamos no processo de produção e de interlocução dos mais diversos discursos: da mídia, da moda, do dia a dia, das intervenções urbanas, das expressões pessoais, da literatura canônica ou científica, entre outros. Em virtude dessa mudança, nos deparamos com uma nova concepção de leitor e autor, que nos leva à reflexão, sobre esse novo “saber/fazer” desses, distantes dos problemas das simples cópias ou da falta de entendimento das temáticas trabalhadas no cotidiano, o que estimula o tédio e a falta de interesse da leitura e da produção escolar.

Ensinar a gramática, o texto e a literatura pode ser um desafio atualmente em contraponto com o avanço das tecnologias, que trazem elementos mais cativantes, acessíveis, pois seus aplicativos, geralmente são fáceis, ao contrário das regras gramaticais. No pensamento do aluno, muitas vezes “basta gerar um texto digital, colar e entregar para o professor e a atividade está pronta”, talvez essa configure uma atitude mais espontânea - a praticidade.

Repensar é um ato penoso, inquietante, conhecer novas teorias, analisar o dia a dia, a forma como agimos com relação aos textos, à preparação das atividades. Para que haja mudanças, temos algumas etapas a serem cumpridas.

Primeiramente pensamos na função de autor, já que na escola, hoje, de acordo com os PCNs, trabalhamos com um novo currículo, dividido por gêneros, determinados para cada ano, distintamente. Assim temos a função de chegarmos aos leitores ideais, protagonizados pelos estudantes de cada turma, aqueles pré-concebidos por etapas, com vários níveis de aprendizagem, que podem ao mesmo tempo receber de seus professores as formas e estruturas do gênero visto, e após a leitura e a aprendizagem, assumirem a função de autores, pois terão condições de produzir seus próprios textos, com embasamento e autonomia para efetuar-los.

Posteriormente, o docente precisa preparar seus alunos, apresentar-lhes textos diversificados, trabalhar as estruturas lingüísticas, levá-los ao domínio da língua e da produção textual, fazer com que eles compreendam que podem ter

como base os escritos de outros autores, para usarem como referência, mas não utilizá-los como plágio, ou sem as devidas citações, para que consigam a partir da função-autor uma produção textual coerente, com coesão e próxima aos ideais de um ensino digno.

No entanto, como fazer com que eles entendam que não dá para ter a programação de leitura da escola apenas como um elemento sem envolvimento? Precisamos oferecer-lhes o funcionamento discursivo, mostrar-lhes o contexto em que se faz essa leitura, quais são os seus objetivos e o que isso pode favorecer-lhes, definir o lugar social do autor e do leitor do texto, apresentar o gênero trabalhado, comparar com outros gêneros e outras abordagens sobre o mesmo tema, comparando a outras produções, para isso apresentamos uma análise da produção midiática da Revista *Ciência Hoje*.

Percebemos que há grande dificuldade em mudar os pensamentos, inseri-los em um contexto mais voltado à aprendizagem menos ilógica, e mais conceitual. Cada turma corresponde de um modo à prática em sala de aula, muitas vezes programamos nossas atividades e alteramos ou aprimoramos de acordo com o grupo, em que uns conseguem assimilar facilmente, correspondem às questões e aos exercícios, debatem os textos, colocam suas dúvidas, fazem comentários interessantes, enquanto outros apresentam maiores dificuldades, precisam do auxílio de colegas monitores ou da nossa presença.

Anna Christina Bentes (2001), em seu texto *Linguística Textual*, aborda a temática da construção de sentidos, a partir da coerência e da coesão da produção textual, de acordo com o texto elaborado, para evitarmos o que seria chamado de um “não-texto”, uma produção textual incoerente para o receptor, cujo sentido não pode ser entendido pelo leitor. A autora apresenta como exemplo vários gêneros textuais, tais como letras de músicas, reportagens de revistas, entre outros, que nos ajudam a desvendar os aspectos mais interessantes das análises sistemáticas de produções textuais contextualizadas. Dessa adaptação de linguagem, veremos aqui a evolução do internetês, uma expressão grafolinguística que vem revolucionando o relacionamento virtual dos jovens, por proporcionar maior velocidade à interatividade nas redes sociais.

Vivenciamos no cotidiano algumas práticas de leitura diferenciadas, mas muitos não conseguem entender que todo momento realizamos leituras, quer sejam em outdoors, propagandas em lojas, placas indicativas, sinais de trânsito,

jornais ou revistas e que precisamos refletir sobre elas, sobre o efeito que causam em cada um (de acordo com a sua utilidade, do interesse temático, da abordagem), que podem não atingir a todos, mas sempre abrangem uma camada significativa de leitores – os ideais, provocando uma relação texto escrito/processo de leitura, num *mecanismo de antecipação*, como nos afirma Zoppi-Fontana (1999), na expectativa de concretizar a leitura.

## 1 EDUCAÇÃO E INTERATIVIDADE

No texto de Denise Braga e Ivan Ricarte (2005), *Letramento e Tecnologia*, encontramos um histórico das tecnologias e da comunicação, em um processo cronológico que visa nos instruir sobre a adaptação do homem a esses suportes educacionais, organizacionais e até pessoais que surgiram ao longo dos anos. Para nós, atualmente, seria impossível pensarmos em um mundo sem a escrita, mas Marcuschi (2005) em seu livro *Fala e escrita*, explica que esta passou a ser sinônimo de *status* social e por isso praticamente não estudamos a fala, o que priorizou as tecnologias na área da escrita, deixando a fala para aparelhos que facilitassem a sonoridade, como o rádio (que no início era um meio de ensino à distância, principalmente com o desenvolvimento da Fundação Roquete Pinto), a televisão que trazia não somente a fala, mas também a imagem, assim como o cinema. No entanto a grande revolução veio com o desenvolvimento das tecnologias de informação, principalmente com a chegada dos computadores aos lares, que reuniu em um único aparelho a possibilidade de ouvir, ver e escrever, além de acumular dados.

Ao lermos os textos de Lemos (1997) e Silva (1998), fomos nos identificando com o processo de interação de nossas práticas didáticas relacionadas ao uso das tecnologias: 1º) levamos a TV e o vídeo cassete para trabalharmos filmes com nossos alunos; 2º) aos poucos usávamos aparelhos de som em atividades em que tínhamos as músicas como textos de apoio; 3º) depois vieram os filmes em DVD, com melhor qualidade de imagem e som; 4º) começamos a usar o retroprojetor, que com a facilidade de captação de imagens em transparências, através do scanner portátil, deixaram nossas aulas mais interessantes; 5º) hoje podemos contar com o datashow que traz todas as

modalidades – multimeios - anteriormente apresentadas (som, imagem, fragmentos de textos, livros escaneados, arquivos capturados da internet etc.).

No entanto, nós, docentes, ainda sentimos falta de um trabalho mais integrado entre a sala de informática e a sala de aula, que infelizmente, no momento, encontra-se distante de ser realizado. Por isso trabalhamos isoladamente os conceitos, sugerimos que os alunos utilizem a informática em casa ou nos locais a que têm acesso a ela, usamos particularmente esse meio, mas não conseguimos usá-lo efetivamente, com nossos alunos. Neste caso, a opinião de alguns autores Silva (2004) se distancia da nossa realidade:

Os professores e as professoras estão cada vez mais compelidos à utilização de novas tecnologias de informação e de comunicação, mais permanecem pouco atentos à necessidade de modificar a sala de aula centrada na pedagogia da transmissão. (SILVA, 2004, p.3)

Estudamos, aprendemos a manipular os meios de CMC, modificamos nossa relação com nossos interlocutores (não apenas com os alunos, mas até nossos colegas de trabalho). É um progresso, pois nossas salas de aulas mudaram, hoje partilhamos nossa aprendizagem com os discentes, e temos a capacidade de observarmos os efeitos de nossos discursos, de conferirmos os erros e acertos. No entanto, esse processo de aquisição didática e conhecimentos de CMC tem sido vagaroso, principalmente porque a tecnologia demora a chegar às escolas, as disponibilidades das mesmas são escassas e o ambiente apresenta sérios entraves.

Observamos que se o professor dispõe de tecnologias, mesmo as mais antigas, citadas por Silva (2004) como “infopobre”, o caso do mimeógrafo, o livro, o Xerox e a lousa, mas se sabe trabalhar diferenciado, pode interagir com seus alunos, fazer da sua aula um local participativo, dar aulas mais dinâmicas. Porém, não adianta possuir todo aparato tecnológico e não saber utilizá-lo, ou não criar situações de interesse, de troca com os alunos. Às vezes um simples debate a partir de um texto, ou de um filme, traz situações de interatividade muito interessantes, cujo tema “movimenta” as aulas e faz com que todos se manifestem, exponham suas opiniões, sugiram, tragam sites, textos, produzam imagens, charges, desenhos, componham músicas etc., em resumo, cria-se um hipertexto.

## 2 O TEXTO CIENTÍFICO PARA CRIANÇAS E SUAS PARTICULARIDADES

Evidentemente a leitura na internet provoca em nós, leitores de textos impressos, diferentes sensações, pois estamos acostumados a sentarmo-nos confortavelmente, abrimos um livro ou pegamos um texto e folheá-lo. Na internet essas opções não ocorrem, sentamo-nos em cadeiras, temos um reflexo de luz muito forte em nossos olhos, distraímos-nos com o excesso de informações que a rede nos oferece (as opções multissemióticas) e constantemente estamos com várias janelas abertas, o que incluem os bate papos e salas de contato pessoais.

A organização de um texto precisa ser bem elaborada, conter elementos e recursos que provoquem o efeito idealizado em seus leitores, dentro de determinados contextos ou dos domínios sociais de comunicação, além da linguagem específica para ser utilizada em cada caso, por exemplo, em um texto jornalístico ou em um texto científico, para que se possa exercer a função desejada, quer seja de informar ou de construir conhecimentos.

Compreendemos os textos com todas as suas amplitudes em relação aos efeitos de produção e interlocução, assim como podem mudar de sentido de acordo com o contexto em que são produzidos, suas sequências textuais e os gêneros a que pertencem.

Portanto vamos, aqui, realizar uma análise, trabalharemos com o texto “*Ai! Ui! Estou ardendo!*”<sup>2</sup>, publicado na Revista *Ciência Hoje das Crianças Online*. Trata-se de uma reportagem, escrita por João Carlos Micheletti Neto (2010), em janeiro, período de verão, em que muitas crianças vão à praia ou a outros lugares de lazer e necessitam informar-se sobre os perigos da exposição ao sol, por isso o autor traz, de forma didática, as argumentações sobre o tema trabalhado, como é característico dessa publicação, repleta de elementos científicos, porém com uma linguagem adequada ao seu leitor, leve, elaborada sutilmente, para um público de pouca idade.

A opção por desenvolver a análise deste texto, veio justamente pela adequação da linguagem utilizada, pois as publicações científicas infantis trazem as mesmas informações das produzidas para adultos, mas sintetizadas, com termos menos elaborados, sem muita nomenclatura técnica e geralmente são mais curtas, porque a criança não consegue prender tanto a atenção aos textos

longos, como no caso das reportagens publicadas na Revista *Scientific American*<sup>3</sup>, com várias páginas divididas em subitens, gráficos, ilustrações (recursos semióticos). Em nossa escolha percebemos que o autor lançou mão de uma variedade de sequências textuais, para tornar a leitura mais dinâmica, causando um bom efeito em seu leitor.

Ao observarmos a página da internet onde o texto encontra-se enquadrado, numa visão global, teremos as características das publicações virtuais, uma diagramação em que há uma série chamamentos, de elementos paratextuais aliados à reportagem, como links de outras publicações, banners em movimento, mensagem publicitária, informações sobre assinatura de livros e revistas, desenhos ilustrativos do próprio site e a presença de cores, típicas das páginas infantis, entre outros, formando um hipertexto.

Podemos perceber que o gênero apresentado, um texto científico, possui passagens em que as tipologias textuais se alteram, o que traz a heterogeneidade. Isso fica claro nas sequências didáticas aqui apresentadas, que relacionamos na seguinte ordem:

Título: expõe o tema de forma bastante peculiar, com a imitação sonora de momento de dor: *“Ai! Ui! Estou ardendo!”*.

Lead: apresenta a matéria elaborada pela revista, CHC 208, sobre os efeitos dos raios solares na pele humana, conseqüentemente, o assunto a ser trabalhado no texto informativo/explicativo.

Os parágrafos têm tal organização: 1º) apresenta sequência dialogal, de caráter coloquial - *“Agora, confesse: você nunca ficou ardido depois de um dia exposto ao Sol? / A gente se refresca, nada prá lá, pra cá...”*; 2º) insere a temática já com aspectos de textos científicos *“Na nossa pele há um tipo de célula conhecida como melanócito...”*; ao referenciar o nome científico faz um jogo de palavras, que trabalha com as letras de *melanina* e compara-as a “menina charmosa”, o que “quebra” a seriedade do tema; 3º) há uma mistura de informação, diálogo (exposto na onomatopeia - *Aaaai!*) e narração, quando o autor apresenta o processo de exposição e suas conseqüências. O interessante é que o produtor interage com o interlocutor nas sensações recíprocas, pois ambos compartilham de lembranças de situações semelhantes; 4º) apesar de trabalhar os fatores de informação, o autor apresenta um “ar” de familiaridade com o seu leitor, ao dirigir a ele como “você” e novamente faz uso da onomatopeia - *“Uuuui!”*

(como se fosse uma brincadeira); 5º) utiliza-se um verbo no imperativo, caracterizando uma sequência injuntiva – “Proteja-se!”, acompanhado do um elemento da digitação, o negrito, que foi usado para dar ênfase à mensagem, para produzir um efeito de atenção, cuidado; 6º) novamente presenciamos gêneros híbridos, informativo e diálogo, com questionamento que levam o leitor à reflexão temática, porém quando escreve “*muuuito*”, reforça o sentido da palavra e provoca sensações de intensidade no leitor; 7º) fecha o texto com orientações de prevenção e pesquisas sobre o filtro solar e sua funcionalidade, fechando em uma sequência explicativa.

Após essa descrição minuciosa das sequências textuais, observamos que o gênero argumentativo/informativo, encontra-se presente, assim como o não-verbal que salienta as informações ilustrando as situações apresentadas, efetuando o hibridismo do ponto de vista estrutural e de sua composição textual, demonstrando que são heterogêneos, porém se completam para a composição do gênero apresentado, tornando um recurso para efetuar a produção textual.

O suporte digital, a web, traz inovações, inclusive para os gêneros, muda a leitura, o vocabulário, o jeito de ler, a visão do leitor que se diferencia do texto impresso. Por isso o produtor precisa estar ligado ao interlocutor, conhecê-lo, ter intencionalidade, interagir para obter o efeito esperado em seu interlocutor. Isso demonstra que o autor possui domínio social da comunicação, conhece o ambiente de divulgação de seu texto e quem irá recebê-lo, por isso trata o leitor com tanta intimidade – “você”. Todo texto resulta de atividades específicas de textualização, então podemos dizer que esta produção é coerente, o autor exerce corretamente sua função e atinge o efeito esperado em seu leitor, que pode compreendê-lo e partilhar das informações que fornece.

### **3 A LINGUAGEM VIRTUAL - O INTERNETÊS**

Outro aspecto a ser considerado ao planejarmos nossas aulas com a internet e os ambientes da rede sociais como Facebook, Orkut, MSN e outros aparatos tecnológicos, todo esse contato virtual deu início a uma nova linguagem - o *internetês*, a possibilidade de trabalhar a fala e a escrita sincronicamente.

Não podemos fugir desse novo gênero de escrita: os e-mails, os blogs e a própria imprensa têm uma linguagem diferenciada na net, adaptada ao tempo, à comunicação precisa ser mais rápida, por isso o hipertexto sempre apresenta *links* que são quase como *leads* da notícia, que conduzem o navegador a viajar, através do mouse e da barra do texto (que Braga e Ricarte (2005) bem definem como a atualização dos pergaminhos), e explorar o conteúdo de forma rápida, sucinta e adaptado ao meio de comunicação.

A língua vive em constante evolução, assim como os metaplasmos, resultantes de vários aspectos sociais e regionais, a linguagem irá mudar com as TICs (tecnologias de informação e comunicação), e apesar do estranhamento que a nova grafia virtual traz, da polêmica que vem gerando, precisamos romper os preconceitos, caso contrário, continuaremos a impor a língua tradicional como “ponere” ou “Vossa Mercê”, mas se analisarmos, hoje, usamos o “pôr” e o “você”, e não ferem nossos ouvidos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nós, educadores, exercemos o papel de formadores de leitores, conscientes de suas funções como autores ou como interlocutores, aptos a se relacionar com as práticas de organização textual na relação discurso e texto, mediadores do processo de produção de escrita, apagando determinados gestos de leitura indesejáveis e gerando um novo saber/fazer, que eleve a prática escolar à categoria de produzir leitores e autores ideais, com funções sociais bem definidas.

Não podemos mais dizer “eu não gosto de computador”, ou “livro, para mim, tem que ser para folhear”. Com o advento das comunicações e as novas tecnologias que hoje vigoram, todo profissional da área de educação precisa dominá-las. Em virtude de todas essas mudanças, a escola precisou adaptar-se às novas TICs, pois seus professores eram de décadas anteriores a essas renovações e suas aulas tinham como base os livros didáticos, lousa e giz. O mundo mudou, a linguagem mudou, as comunicações mudaram. Cabe a nós, como sempre, nos adaptarmos ou seremos meros reprodutores de algo que

ninguém quer mais ouvir, com aulas repetitivas, chatas, sem dinâmica, e assim continuaremos reclamando, eternamente, do ensino.

Este é o caminho para uma educação inovadora, atual e propícia à participação. A tecnologia evolui, nós evoluímos, nossos alunos evoluem. Os passos são lentos? O importante é que continuamos caminhando, trocando e participando da história da educação e do ato de cidadania para termos um país ou quiçá um mundo melhor.

## INTERACTING WITH VIRTUAL LANGUAGE EDUCATION

### ABSTRACT

The challenges of communication come to the school environment and provoke discussion about the interactivity between students and teachers to new technologies of information. These virtual media bring, now, a new format for the media, which produces a specific language, seeks a new audience and also creates elements that facilitate interaction between society, educators and students. The production of scientific texts for children, the development of specific terms and language of the virtual networks changes the school environment and contextualizes a new path for education.

**Keywords:** Education. Language. Interactivity. Technology. Media.

### Notas

- <sup>1</sup> Doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo
- <sup>2</sup> João Carlos Micheletti Neto, "Ai! Ui! Estou ardendo!", Revista Ciência Hoje das Crianças Online, ed. 208, jan. de 2010. <http://chc.cienciahoje.uol.com.br/revista/revista-chc-2009/208/ai-ui-estou-ardendo?searchterm=envelhecimento>
- <sup>3</sup> Revista Scinetific American, [www2.uol.com.br/sciam/reportagens/por\\_que\\_ao\\_vivemos\\_para\\_sempre\\_.html](http://www2.uol.com.br/sciam/reportagens/por_que_ao_vivemos_para_sempre_.html)

### REFERÊNCIAS

BRAGA, Denise B.; RICARTE, Ivan L. M. *Letramento e Tecnologia*. Campinas: CEFIEL/Brasília: MEC, 2005.

DOWBOR, Ladislau. Apresentação. In: *Desafios da Comunicação*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

LEMOS, A. *Anjos interativos e retribalização do mundo*. 1997. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/interativo.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2011.

MARCUSCHI, Luiz A.; DIONISIO, Ângela P. *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ORLANDI, E.P. *Discurso imaginário social e conhecimento*. Revista Aberto Brasília 14, n. 61, jan./mar. 1994.

SILVA, M. Indicadores de Interatividade para o professor presencial e on-line. *Revista Diálogo Educacional*. Curitiba: PUC-PR, v. 4, n.12, p.93-109, maio/ago. 2004. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/DIALOGO?dd1=622&dd99=view>. Acesso em: 13 abr. 2011.

\_\_\_\_\_. O que é interatividade. Boletim Técnico do SENAC. Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, 1998. pp.27-35.

ZOPPI-FONTANA M. G. *Um estranho no ninho. Entre o jurídico e o político: o espaço público urbano*. Revista RUA do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – UNICAMP. Campinas, número especial, junho 1999, p. 53-67.